

Vitória não pára de atrair correntes migratórias

Jacqueline Vitória

Beleza é o segredo que faz de Vitória uma cidade inusitada nesses 441 anos de emancipação política. Mesmo poluída, com um trânsito estrangulado e violenta em parte, ela não pára de atrair correntes migratórias de todos os cantos. É uma capital onde de um lado se tem uma visão do passado, alguns cenários teimam em resistir à modernidade das formas; por outro, o progresso lhe “abre as asas” para o futuro.

Quem passa pela Rua Henrique de Novaes, no Centro, pode ser tomado por uma estranha sensação de viagem no tempo. Ali reside há quase 90 anos Adelpho Monjardim, prefeito de Vitória por duas vezes (1955-1957 e 1959-1963).

Foi no seu governo que Vitória ganhou o primeiro “espigão”, o Edifício Palácio do Café, situado na Praça Costa Pereira. Do moderno, lembra a implantação dos calçamentos, da iluminação, dentre outros. Com muito humor, aos 90 anos, a serem completados no próximo dia 16, Adelpho Monjardim descreve as comemorações na época do aniversário da cidade: “Antes a Catedral era enfeitada, ali se celebrava a missa do aniversário de Vitória. No Centro a po-

pulação assistia ao desfile das Forças Armadas e das escolas. As praças (Oito e Costa Pereira) aglomeravam várias famílias, todas tinham espírito cívico”, relata.

Comum

Hoje, na sua opinião, o aniversário de Vitória é apenas mais um dia de feriado no calendário. Ele garante que as antigas comemorações estimulavam as pessoas a abraçarem a sua terra. E até se orgulha, concluindo que, no final da festa, à noite, no Teatro Carlos Gomes, havia uma solenidade, a sessão cívica. Ele acredita que, com o passar do tempo, o capixaba perdeu o interesse pelas coisas cívicas, tendo hoje apenas interesse pelo lucro.

Bonita e alegre, Vitória é assim para o capixaba aposentado Joaquim Marques Cardoso Amim, 76 anos. “Além dessas duas descrições, é uma mulher que sempre pratica a fala popular: aqui sempre cabe mais um”, revela. Pequena em sua extensão territorial, mas com mania de grande, Amim assegura que quem vê Vitória hoje se orgulha de morar aqui. “Não tem cidade mais bonita e progressista”, disse. Ele que também nasceu em Vitória assegura que a cidade está esquecida. “O homem não pensa nela, mas desfruta dela”, lamenta.



Foto de Alton Lopes

Aparentemente tranquila, Vitória tem um trânsito violento e muita poluição

Da mesma opinião, o carioca Antônio José de Andrade, há 30 anos morando na capital, afirma que a cidade progrediu mas o homem não evoluiu junto. “A vida da cidade está em torno do trabalho, onde está a vida cultural e a social, que nos tempos de Vitória velha eram intensas”. Nesse sentido o ex-prefeito de Vitória Adelpho Monjardim também lamenta. “Não se via o Teatro Carlos Gomes ocioso; hoje está praticamente fechado. Regredimos na área da cultura e na área literária”, diz.

O escritor Renato Pacheco, seis livros editados, concorda. “É preciso lembrar que durante mais de

400 anos Vitória foi vinculada política e culturalmente ao Rio de Janeiro, corte e depois capital federal. Assim, embora tenha se desenvolvido a cultura local — as bandas de congos são exemplos típicos — o crescimento não foi acompanhado de igual crescimento na área editorial, literária e artística. Porém, chegaremos lá”, acredita.

Ruas

Quando se quer registrar o tamanho da migração em Vitória, o Centro é o palco. O espaço é um grande restaurante ao ar livre, um comércio ambulante onde se en-

contra todo tipo de material. Velhos e crianças se misturam à massa de trabalhadores, que de um lado para outro sentem que a cada dia ela oferece menos espaço. De Norte a Sul, a capital vai se dividindo. Na zona Norte destaca-se a classe média, parte da elite da sociedade. “Desfrutamos da beleza das praias, sem poder praticamente aproveitá-las de tanta poluição”, reclama o microempresário Fabiano Zouain.

Na zona Sul a pobreza é grande, mas há algumas riquezas naturais, como os mangues. A doméstica Geralda Maria da Costa, 57 anos, reside no Bairro São Pedro. Ela conta que quando foi morar no local, ali era “puro manguê”. “Hoje está tudo bonito, aterraram tudo e temos luz e água”, disse, mas “em compensação os pobres não contam mais com os mariscos”.

Mas Vitória, além das belezas à vista, esconde tantas outras por falta de divulgação ou mesmo interesse da população. Nesses 441 anos de emancipação política de Vitória, “a festa é dedicada ao bom humor da cidade, que apesar de velha na idade, é uma mulher que está acessível a todos”, brinca o aposentado Joaquim Amim.



Foto de Gildo Loyola

Adelpho: mais um feriado